

O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: O MITO DO CERTO E DO ERRADO

LINGUISTIC PREJUDICE: THE MYTH OF RIGHT AND WRONG

EL PREJUICIO LINGÜÍSTICO: EL MITO DE LO CORRECTO E INCORRECTO

Paula Viviane Vargas Ferraz¹

Resumo

Este trabalho aborda reflexões a propósito dos preconceitos linguísticos e como evitá-los na sociedade brasileira do século XXI. Analisa suas principais consequências e efeitos, tencionando uma melhor compreensão e consideração pelas variedades linguísticas. Paralelamente, pretende reduzir as repercussões negativas, comumente não notadas, de atitudes vistas como “naturais”, cujo intuito é o de “ensinar” a “forma correta”. Agem sorrateiramente, menosprezando a linguagem e seus usuários. O propósito central deste trabalho é identificar e demonstrar como surge o preconceito linguístico. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica que revelou que o preconceito linguístico é trivial na vida cotidiana dos brasileiros e muito pouco discutido no país; evidenciou também a importância de se abordar este assunto, não só nas mídias sociais, mas também em ambientes escolares. A crítica às ações depreciativas com relação à língua permitirá assumir um novo posicionamento ante a coletividade, modificar percepções a respeito do mito de “certo e errado” e difundir o conceito de adequação à situação comunicativa, assim como a aceitação das diferenças linguísticas.

Palavras-chave: preconceito linguístico; variedades linguísticas; discriminação; preconceito; linguística.

Abstract

This article addresses reflections on linguistic prejudice and how to avoid it in Brazilian society in the 21st century. It analyzes their main consequences and effects for a better understanding and consideration of linguistic varieties. It intends to reduce the commonly unnoticed negative repercussions of attitudes seen as "natural," whose purpose is to "teach" the "correct form." They act surreptitiously, belittling language and its users. The central purpose of this article is to identify how linguistic prejudice arises. To achieve this, a literature review was conducted, revealing that linguistic prejudice is trivial in the everyday lives of Brazilians and rarely discussed in the country; it also highlighted the importance of addressing this issue not only in social media but also in educational environments. Criticizing depreciative actions towards language will allow for a new positioning towards the community, changing perceptions about the myth of "right and wrong," and spreading the concept of adaptation to the communicative situation, as well as acceptance of linguistic differences.

Keywords: linguistic prejudice; linguistic variations; linguistic discrimination; prejudice; language.

Resumen

Este trabajo aborda reflexiones sobre los prejuicios lingüísticos y cómo evitarlos en la sociedad brasileña del siglo XXI. Analiza sus principales consecuencias y efectos, buscando una mejor comprensión y consideración de las variedades lingüísticas. Al mismo tiempo, pretende reducir las repercusiones negativas, comúnmente desapercibidas, de actitudes vistas como “naturales”, cuya intención es “enseñar” la “forma correcta”. Actúan furtivamente, menospreciando el idioma y sus usuarios. El propósito central de este trabajo es identificar y demostrar cómo surge el prejuicio lingüístico. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica que reveló que el prejuicio lingüístico es trivial en el cotidiano de los brasileños y muy poco discutido en el país; también resaltó la importancia de abordar este tema, no solo en las redes sociales, sino también en los entornos escolares. La crítica a acciones despectivas respecto a la lengua permitirá asumir una nueva posición ante la comunidad, modificando

¹ Licencianda em Letras no Centro Universitário Internacional Uninter, Especialista em Engenharia de Produção pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Tecnóloga em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: paulafrz@hotmail.com

percepciones sobre lo que se considera “correcto e incorrecto” y difundiendo el concepto de adecuación a la situación comunicativa, así como la aceptación de las diferencias lingüísticas.

Palabras-clave: prejuicio lingüístico; variedades lingüísticas; discriminación; prejuicio; lingüística.

1 Introdução

Por meio de estudos linguísticos e da linguística aplicada, revisaremos reflexões a propósito dos preconceitos linguísticos. Discorreremos a respeito desse conceito, bem como os seus efeitos na sociedade brasileira. A intenção é levar a comunidade a compreender não exclusivamente as variações linguísticas, mas as diferentes realidades das pessoas, visando minimizar os impactos dos atos preconceituosos, muitas vezes nem percebidos, mas tidos como naturais ou com “caráter instrutivo”, os quais desmerecem não só o indivíduo em questão, mas a sociedade e seus costumes.

Objetivamos estudar o que é o preconceito linguístico e evidenciar os elementos dos quais desponta, examinar as variedades linguísticas, ponderar as principais implicações sociais e consequências de seu uso — incluindo o impacto causado na sociedade brasileira do século XXI —, e apontar formas de refrear este tipo de discriminação.

A fim de evidenciar esse enfoque, reunimos dados correlatos à intolerância e à linguística mediante revisão bibliográfica.

O preconceito linguístico não é um conceito comum de se escutar ou de se mencionar, muito menos como centro de discussões; é escassamente tratado em ínfimos momentos, diferentemente de discriminações como as raciais, as sociais, as de gênero etc.

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência de um preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo. Nem mesmo na atuação de pessoas engajadas em importantes causas sociais, com posições politicamente progressistas, a gente encontra referências a ele, a não ser muito esparsamente (BAGNO, 2015, p. 22, grifo do autor).

Seguindo o raciocínio do autor supracitado, é notável que este tipo de intolerância, além de não possuir grande visibilidade, acaba por se agravar devido ao desconhecimento da sociedade.

Conforme Koch (2011, p. 15), “Em resumo: A linguagem é uma forma de atividade e, assim sendo, deve ser encarada como uma atividade em geral, e, mais especificamente, como uma atividade humana [...]”. Partindo desta observação, é fundamental atentar para as

diferenças da linguagem sem recriminar ou estigmatizar o seu usuário, mas visualizá-lo de maneira ampla, analisando todo o contexto que o envolve.

Para Elias (2011, p. 178) “[...] quem plantar antipatia e intolerância colherá frutos proporcionais. Mas cultivar a simpatia e manter a tolerância quebra barreiras e abre horizontes para o acesso a propostas e sugestões de outros [...]”. Por isso devemos quebrar as barreiras do preconceito linguístico e buscar formas para refreá-lo, transformando a sociedade em uma unidade capaz de se adequar às diferenças.

O presente artigo está dividido em quatro partes. A primeira aborda as variedades linguísticas; a segunda versa sobre o preconceito linguístico; a terceira traz as principais complicações, consequências e impactos gerados; e a quarta discorre sobre formas para se evitar o preconceito linguístico.

2 Metodologia

A metodologia consistiu em uma abordagem qualitativa, utilizando a revisão integrativa e crítica de bibliografia, com intuito de investigar e analisar o preconceito linguístico, demonstrar a sua relevância, bem como evidenciar os impactos sociais decorrentes. O estudo ocorreu durante o mês de maio de 2022, quando o material foi analisado e selecionado por abordar assuntos correlatos à linguística, a perspectivas sociais e culturais, e por tratar questões de intolerância. As buscas destas coletâneas foram realizadas através de bibliotecas virtuais e exemplares físicos. Com o intuito de restringir a pesquisa, selecionamos as palavras-chave: preconceitos linguísticos, intolerância, cultura e sociedade, língua portuguesa, linguagem, sociolinguística, linguística e variação linguística. Apesar de a consulta ser realizada em publicações de 2008 até 2018, há obras clássicas, mas de fundamental relevância, como o *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure². Nestes casos, procuramos trabalhar com edições recentes e revisadas, evidenciando a importância de estudos como este para a ciência.

3 As variedades linguísticas

A variação linguística não é um fator da atualidade, muito pelo contrário, se recorrermos a história, ou aos textos históricos e/ou historiográficos, é visível um linguajar distinto, o qual nos dias de hoje achamos estranho ou difícil de compreender; isto resulta da

² Trata-se de uma obra póstuma, lançada em 1916 pelos discípulos do autor (Charles Bally e Albert Sechehaye), onde publicaram um apanhado dos cursos de linguística ministrados por Saussure.

evolução pela qual as línguas passam durante os anos, que ocasiona uma transformação, uma metamorfose, díspar daquilo que um dia se conheceu ou significou.

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro. [...] O termo *idioma* designa com muita precisão a língua como algo que reflete os traços próprios de uma comunidade [...] (SAUSSURE, 2012, p. 253, grifo do autor).

É importante enfatizar que as línguas não variam exclusivamente em um local, ou que um idioma se altera somente com o passar do tempo; na realidade estas modificações sucedem em todos os idiomas, tanto que alguns deixaram de existir ou são considerados línguas mortas³, como o latim, que permanece presente em diversos campos e expressões, mas não possui falantes maternos. Um caso típico dessas variações pode-se verificar em nosso idioma português, pois o falado no Brasil é diferente do de Portugal, como também difere na Angola ou em qualquer outro país que tenha o português como idioma oficial. Em suma, cada local possui o seu próprio sistema linguístico:

[...] as condições sociolinguísticas nos primeiros séculos de colonização, a saber: o contato de línguas — as várias línguas dos grupos étnicos, a língua geral e as interlínguas dos indígenas no seu esforço para se comunicar com o colonizador e, posteriormente, as línguas africanas —; a ausência de um sistema educacional e a ínfima circulação de textos escritos em português [...] contribuíram para formar uma variedade dialetal de português oral, muito distinta da língua falada e escrita em centros urbanos em Portugal e, posteriormente, no Brasil. (PEREIRA; ROCA, 2009, p. 62).

Como os autores supracitados mencionam, há inúmeros fatores os quais contribuíram e continuam a contribuir para estas mudanças intercorrerem, pois a língua está em constante desenvolvimento.

Castilho (2014) destaca que há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles deixam em sua produção linguística, tal como o jeito de falar dos brasileiros e dos portugueses, ou ainda, entre os brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul, ou seja, em um determinado espaço geográfico há diferentes dialetos. A língua muda em uma determinada região também devido à segmentação da sociedade, em outras palavras, varia de acordo com a escolarização e a posição social do falante.

³ São consideradas línguas mortas aquelas que não possuem falantes naturais, ou seja, as pessoas que a falam/utilizam, a aprenderam através de estudos documentais.

Fiorin (2010, p. 122) destaca que “[...] Numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar [...], seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando [...].” Deste modo, percebemos que um elemento essencial para tais distinções é o próprio falante. Por outro lado, considerando que cada região possui uma maneira própria de falar e que isto está diretamente relacionado com os aspectos socioculturais e econômicos, é primordial entender alguns conceitos:

[...] o **sotaque** está diretamente relacionado às marcas de fala, enquanto **dialeto** é uma definição mais ampla, que engloba pronúncia, características semântico-lexicais e morfosintáticas. Existe também o **idioleto**, que podemos definir como as marcas particulares da fala de cada indivíduo. É como se dentro do dialeto, que é coletivo, houvesse um conjunto de marcas da oralidade que diferencia cada um dos indivíduos (CECATO, 2017, p. 34, grifos do autor).

Se, dentro de um mesmo idioma, temos o sotaque, o dialeto e o idioleto, as variedades linguísticas atuam igualmente como seus componentes. Se os padrões sociais, econômicos e culturais são fortes influenciadores, estes impulsionam a questão da linguagem popular e culta, ou seja, quanto mais recursos (financeiros e educacionais) o indivíduo possui, mais chances de alcançar o padrão culto terá, e o inverso ocorre com as pessoas desprovidas (que em uma sociedade como a brasileira é a grande maioria da população), que popularizam o famoso linguajar popular.

[...] a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente à língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. [...] As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Por exemplo, agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo-se que existe pelo menos o padrão popular e o culto (MOLLICA; BRAGA, 2010, p. 27).

Consoante as autoras supracitadas, embora uma língua natural mude, sua essência permanece intacta e é por este motivo que, quando vamos de uma região a outra dentro do Brasil ou visitamos outra nação cujo idioma materno seja o português, inicialmente estranhamos o falar, porém, apesar das dificuldades encontradas, a compreensão é viável. Igual ocorre quando lemos algum clássico da literatura brasileira, que apresenta um linguajar “estranho” e “difícil”, mas torna-se perceptível com um pouco de esforço; da mesma maneira, em uma interação entre duas pessoas, uma com maior escolaridade e outra analfabeta,

independentemente de permanecerem as dessemelhanças evidentes, o entendimento no diálogo se mantém intacto.

[...] uma obra não pode viver séculos futuros se de certo modo não reúne em si também os séculos passados. Se ela nascesse *toda e integralmente* no presente (isto é, em sua atualidade), não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre com ele (BAKHTIN, 2017, p. 14, grifo do autor).

Isso sucede com a língua; para que ela não morra por completo carece manter aspectos do seu passado, da sua originalidade, além de agregar traços da atualidade e do futuro próximo.

Como menciona Bagno (2009, p. 42), a língua é uma intuição social; como tal, é parte da sociedade e por este fato a coletividade dos falantes é a responsável pelas mudanças na língua, com o intuito de aprimorar a comunicação. Isto normalmente decorre de forma imperceptível e inconsciente, de maneira que as regras de funcionamento da língua vão se alterando e adequando às novas necessidades.

Sinteticamente, as variedades linguísticas estão presentes desde o início da comunicação oral na humanidade; como a sociedade em geral está em constante evolução, igualmente acontece com a língua, seja por questões socioeconômicas ou culturais, ou simplesmente para aperfeiçoar a intercomunicação.

3.1 O preconceito linguístico

Conforme se afirmou anteriormente, os idiomas variam constantemente, de forma gradativa, em diversas vertentes. Segundo Castilho (2014, p. 90), “os linguistas mostram que a norma é uma variedade à qual a comunidade de fala atribui um prestígio maior, em face da qual as demais variedades sofrem discriminação”. Denota que entre tantas variações linguísticas, há aquelas melhor consideradas e outras desprestigiadas; deste modo, o preconceito linguístico advém da existência de um apreço negativo de tais variedades.

[...] quando distinguimos PB ^[4] popular de PB culto, estamos nos referindo a variações socioculturais não separáveis rigidamente. Ninguém é exclusivamente “falante popular” nem “falante culto”. [...] Quem pratica o português popular não “fala errado” — apenas opera com a variedade correspondente de seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não “fala certo”, de novo apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. (CASTILHO, 2014, p. 205, grifo do autor).

⁴ PB é a sigla para português brasileiro, o qual o autor Castilho usa no livro *Nova gramática do português brasileiro*.

Percorrendo as explanações supramencionadas, as pessoas recorrem às variações correspondentes ao seu nível sociocultural, fazem uso tanto do chamado padrão culto quanto do popular, às vezes simultaneamente. Este fato sucede de forma muitas vezes inconsciente, pois não se usa um único modelo, é possível usufruir da norma “mais” culta ou “mais” popular a depender da situação e do momento em que se encontra, buscando uma melhor adequação à conversação em curso.

De acordo com Fiorin (2010, p. 20), os estudos linguísticos mostram como as mudanças da língua se originam da fala popular, e o que era considerado “errado” em determinada época, passa a ser encarado como “correto” em outra. Tais ocorrências reforçam que não adianta rejeitar um uso, pois em um futuro próximo este pode ser classificado como pertinente.

Segundo Bortoni (2009, p. 58), todas as línguas têm igual complexidade, não havendo fundamento científico para que um código linguístico seja mais valorizado que outro. Apesar de não haver razão para se fazer tal distinção, este tipo de discriminação sucede repetidamente na sociedade brasileira.

[...]o preconceito linguístico tem sido um ponto muito debatido na área, pois ainda predominam as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado, tomando-se como referência o padrão culto. As línguas em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, da qual o falante adquire primeiro as variantes informais e, num processo sistemático e paulatino, pode vir a apropriar-se de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária (MOLLICA; BRAGA, 2010, p. 13, grifo das autoras).

O preconceito linguístico tem começado a ganhar visibilidade na comunidade, no entanto, é imprescindível replantar consensos comuns de “certo e errado” e desmistificar esta dicotomia, pois não adianta objetivar uma igualdade irreal no cenário dos brasileiros do século XXI.

Um local extremamente comum, que dispõe de uma vasta variedade linguística, é a escola; nela temos alunos advindos de diferentes classes sociais, com pais instruídos ou analfabetos, sem contar a questão da localização de suas moradias — bairro urbano ou periferia. Estes detalhes influenciam diretamente na linguagem destes alunos:

[...] visto que a escola de hoje é altamente diversificada, em que alunos de diferentes estratos sociais trazem seus valores e sua maneira de agir e também de falar. Trata-se, muitas vezes, de um falar tão diferente que a norma da escola assemelha-se a outra língua, a qual ele não domina e, pelo distanciamento cultural, parece lhe ser inacessível (BARONAS; COBUCCI, 2016, p. 180).

Visto que os alunos possuem seu próprio jeito de falar, ao entrarem nas instituições de ensino, enfrentam grandes dificuldades de adaptação, considerando o material disponibilizado normalmente na norma padrão culta, à qual a grande maioria não teve acesso.

[...] o preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia. Pode ser uma rejeição, um “não-querer” ou um “não-gostar” sem razão, amorfos, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de idéias [sic], valores, opiniões e práticas (LEITE, 2008, p. 22, grifo da autora).

Regularmente, nos deparamos com o preconceito linguístico, inclusive o praticamos, muitas vezes de maneira involuntária e impensada. Acontece quando achamos feio o modo de falar de um indivíduo (seja por seu sotaque, dialeto ou idioleto), ora por sua escolaridade mínima ou simplesmente pela falta dela; estes julgamentos maldosos e ultrapassados, nada mais são do que intolerância e discriminação com relação ao diferente e ao singular, e por isso é necessário rever determinados conceitos.

3.2 As principais complicações, consequências e impactos gerados

Tratando-se do campo do preconceito linguístico, é imprescindível expor quais as consequências, complicações e impactos gerados para a sociedade menosprezada. Pereira e Roca (2009, p. 62) apontam que a toda diferença corresponde uma desigualdade que, no caso dos brasileiros, iniciou na formação do país, com a separação das pessoas alfabetizadas das demais. Estas segregações surgem no início de nossa história como brasileiros, todavia, continuam atualmente.

[...] Essa profunda clivagem socioeconômica se projeta no plano ideológico das representações sociais da língua através do preconceito linguístico, que promove a forte discriminação das formas mais típicas da linguagem popular. Porém, as raízes históricas dessa divisão sociolinguística entre a elite socioeconômica e as classes subalternas e exploradas são longínquas e remontam ao início da colonização do Brasil (LUCCHESI, 2015, p. 83).

Essa divisão socioeconômica, sem dúvida, é uma das maiores causas do preconceito linguístico pois, com a fragmentação destes grupos, nota-se o quanto a intolerância está presente, principalmente nas camadas mais humildes e desfavorecidas. Acompanhando os critérios de Leite (2008, p. 26), “As diferenças linguísticas relacionadas a esses fatores unem os homens de mesmo estrato social e separam os diferentes”. Tais pensamentos discriminatórios acabam sendo disseminados pelo estrato prestigiado da população pois,

como detentor dos recursos, consegue transmitir aos demais os seus zelosos costumes, esquecendo-se de que nem todos possuem semelhantes oportunidades, novamente lembrando da real desigualdade que acompanha a vida dos brasileiros.

Os diversos desdobramentos que o funcionalismo apresenta na atualidade concordam com o fato de que a língua é, antes de tudo, instrumento de interação social, usado para estabelecer relações comunicativas entre usuários. Nesse aspecto, aproximam-se do ponto de vista da sociolinguística ao incluir o comportamento linguístico na noção mais ampla da interação social (FIORIN, 2010, p. 22).

Koch (2018, p. 7) assinala que a linguagem no percurso da história pode ser sintetizada como representação do mundo e do pensamento, instrumento de comunicação e forma de ação ou interação. Seguindo tal concepção, nota-se a premissa de que a língua é um instrumento de interação social; através dela, pode-se tanto exaltar quanto recriminar as pessoas, de maneira que vale recordar um pequeno ensinamento que pais e mães transmitem a seus filhos: “As palavras ferem”. Isso é exatamente o que sucede com o preconceito linguístico. Ao “tentar corrigir” uma pessoa que falou “mió” ao invés de “melhor”, você está corrigindo ou está repreendendo todo um grupo social proveniente de baixa escolaridade? Ou quando você ri do sotaque “caipira ou do sertão”, pois o acha engraçado, é correto flagelar toda uma cultura por seu modo de ser?

Para Leite (2008, p. 25), a história mostra que a exclusão do diferente não é silenciosa e implica comportamentos violentos e agressivos; que a intolerância negativa não respeita as ideias do outro, indo contra a sua aceitação. Ademais destes atos físicos odiosos, existem consequências psicológicas; aqueles que são atacados se tornam propensos a desenvolver ansiedade, depressão, entre muitas outras doenças.

A língua é rica, é múltipla, é híbrida, é heterogênea, é variável, é mutante. Precisamos aprender a conviver com tudo isso e parar de imaginar que, na língua, as coisas estão organizadas na base do “sim” e do “não”, como num código de leis (BAGNO, 2009, p. 37, grifo do autor).

É essencial apreciar a língua como um todo e descartar toda e qualquer intolerância relacionada, para evitar que as pessoas se machuquem, tanto física quanto psicologicamente.

3.3 Evitando o preconceito linguístico

Os preconceitos, sejam quais forem, precisam ser observados e combatidos com atos de paz; não se pode estagnar em concepções antiquadas e continuar a propagar uma cultura de

ódio. Para Mollica e Braga (2010, p. 13), “toda língua portanto apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro [...]”. É crucial apreciar a sociedade como um todo, deixando de lado intolerâncias sem sentido, e afrontar a cultura de ódio e repressão.

[...] Quando se considera uma variante linguística feia e isso leva a ridicularizar, a desprezar, a pôr de lado quem a usa, é preciso dizer, com clareza, que as variantes são apenas diferenças e elas não são feias nem bonitas, que respeitar o modo de falar do outro é aprender a conviver com as diferenças. [...] Muitas vezes, as ideias do senso comum sobre linguagem estão, sem que percebamos, na base de muitos de nossos preconceitos (FIORIN, 2013, p. 11).

Ao se ater aos atos preconceituosos, meramente por não gostar do sotaque de um sujeito, ou devido às características de seu dialeto local, ou pela simplicidade das marcas específicas deste falante, assume-se uma postura errônea e atroz; por isso urge redefinir certas condutas, minimizando as consequências destas ações.

[...] a proposta se fixa na língua que adquirimos em família, como um ponto de partida mais autêntico. Com ela nos confundimos, e nela encontramos nossa identidade. Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para a aceitação da variedade linguística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação — estes são ideais de formação linguística do cidadão numa sociedade democrática (ELIAS, 2011, p. 36).

A intolerância está em todo lugar, inclusive nas escolas, por isso é necessário construir uma sociedade democrática e minimizar danos dentro do ambiente escolar. Vale ressaltar que os jovens estão em fase de formação, estão assimilando conhecimentos e novos conceitos e, ao serem respeitados em suas singularidades linguísticas, recebem uma mostra de aceitação de suas particularidades, o que conseqüentemente impulsionará o seu desenvolvimento educacional e pessoal.

Tomar consciência de como o preconceito e a intolerância linguísticos [sic] se manifestam é o primeiro passo que pode dar alguém que quer combater. Assim farão os professores quando entenderem que os alunos não devem ser julgados pela linguagem que usam, mas pelo que efetivamente são, porque aprender outros modos de falar é só mais uma etapa na vida de alguém que é íntegro como é, com a linguagem que domina, seja essa pessoa de que estrato social for. (LEITE, 2008, p. 135-136).

Consoante ao supradito, remodelar condutas e procedimentos instituem além de uma melhor qualidade de ensino, uma quebra e descontinuação do repúdio linguístico, reduzindo paulatinamente a valorização do “falar bonito”.

A linguagem é díspar e única para cada sujeito; percorrendo os ideais de Bagno, (2015, p. 184, grifo do autor), “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da *adequação* e o da *aceitabilidade*.” Posto isto, esta prática concerne uma harmonia entre o todo, deixando de lado as desigualdades e hostilidades impostas aos usuários de uma língua.

Continuando com fundamentos similares, Fiorin (2013, p. 40, grifo do autor) complementa que “[...] devemos substituir o par *certo/errado* pela dicotomia *adequado/inadequado*. Com efeito, cada variante é mais adequada para uma determinada situação de interlocução [...]”. Porém, frisamos que esta adequação não acontece do dia para a noite, mas de modo gradativo, através do entendimento da situacionalidade.

[...] temos de combater o preconceito linguístico com as armas de que dispomos. E a primeira campanha a ser feita, por toda a sociedade, é a favor da *mudança de atitude*. [...] recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. [...] Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. [...] deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes (BAGNO, 2015, p. 165-166, grifo do autor).

O preconceito e a intolerância ainda são poucos divulgados e debatidos, somente em estudos acadêmicos é visível tal temática. Uma maneira de refrearmos esta aversão à língua, é deixá-la menos silente, é chamar a atenção das mídias, dos meios de comunicação e dos meios de ensino, debatendo a questão, colocando em evidência os contras destes comportamentos estereotipados para centrar uma nova visão sobre que é diferente.

Evitar o preconceito é possível se forem tomadas precauções relativas aos sentimentos positivos e negativos que se tiver previamente em relação a pessoas, fatos e idéias [sic]. Tomar precaução significa raciocinar, levantar pontos positivos e negativos, ponderar a respeito das pessoas, circunstâncias e idéias [sic] em julgamento, para que as ações (atos e opiniões) decorrentes da avaliação sejam justas (LEITE, 2008, p. 29).

Não podemos permitir que o preconceito linguístico permaneça agindo de forma silenciosa, atacando costumes e culturas. Temos de evitá-lo, policiando os próprios pensamentos, pesando as consequências de suas intenções; é necessário obliterar conceitos preconcebidos de que só existe um jeito correto de falar, e esconder para a realidade real do Brasil, porque nem todos dispõem de recursos para aprofundar

conhecimentos e praticar o padrão culto da língua. O resultado será um país livre de discriminação no uso de nossa bela língua.

4 Considerações finais

As variedades linguísticas estão presentes em todo lugar — em países que compartilham a língua materna ou dentro de uma mesma nação. Estas variações são ocasionadas por muitas razões, entre elas, a própria evolução natural da língua; a supressão, adição ou alteração de vocábulos, termos e expressões, como forma de adaptação às necessidades de comunicação; a influência de outros idiomas e costumes; os sotaques e dialetos regionais; os idioletos, marcados pelas especificidades de cada ser humano; questões sociais e econômicas etc.

Decorrente destas variações, quando se consideram estes modos/costumes de falar com caráter negativo e depreciativo, surge o que chamamos de preconceito linguístico.

Na sociedade brasileira do século XXI, o preconceito linguístico é pouco abordado, e muito disseminado, não apenas pelos grupos dominantes, mas pela maioria dos falantes do português brasileiro. Estas ações podem gerar violência física e psicológica, produzindo depressão, ansiedade, senso de inferioridade, entre muitos outros. Isto impacta negativamente o corpo social, pois deprecia e julga hábitos linguísticos como incorretos, menosprezando o valor cultural de cada um.

Aprendemos desde cedo que a humanidade está em constante evolução — fala-se sobre isso em casa, na escola, no trabalho. No dia a dia, nos deparamos com novas descobertas científicas e com inovações tecnológicas. Nada permanece estagnado, mesmo conceitos antigos podem ser reformulados ou atualizados. Levando em consideração todo o progresso da raça humana, é imprescindível aprendermos a conviver com o novo e manter-nos atualizados. Com o preconceito linguístico é exatamente igual, temos de reformular pensamentos arcaicos, remodelar visões intolerantes sobre uma única forma correta de falar, abster-se das dicotomias sobre certo e errado ao se referir ao português brasileiro. Só assim, visando o bem-estar geral, será viável a supressão deste e de muitos outros preconceitos.

Referências

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** em defesa do português brasileiro. 2. ed. 5. reimpr. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56. ed. 10. reimpr. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. 1. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARONAS, J. A.; COBUCCI, P. A importância da sociolinguística educacional na formação docente continuada. *In*: MOLLICA, C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 177-183. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/37617/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

BORTONI, S. M. O tratamento do conceito do relativismo cultural nas séries iniciais da escolarização. *In*: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. del P. (org.). **Linguística aplicada**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 51-67. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1569/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/35256/pdf/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CECATO, C. Circunstâncias da mudança linguística. *In*: CECATO, C. **Introdução aos fundamentos teóricos da linguística**. Curitiba: Intersaberes, 2017. p. 104-122.

ELIAS, V. M. (org.). **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3456/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1547/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

FIORIN, J. L. (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/4135/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

KOCH, I. G. V. A atividade de produção textual. *In*: KOCH, I. G. V. **O texto e a construção de sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2187/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022. p. 11-24.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1262/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/31221/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1695/pdf/0>. Acesso em: 25 maio 2022.

PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. del P. (org.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

SAUSSURE, F. de. Da diversidade das línguas. *In*: SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 253-255.